

OS FINS NÃO PODEM JUSTIFICAR OS MEIOS

Vitória Vieira Pereira de Jesus

Vivo em Cândido Mota, uma pequena cidade localizada no interior de São de Paulo, com cerca de 30 mil habitantes. Economicamente, a cidade depende muito da agricultura, e se destaca na região do Vale do Paranapanema por possuir terras roxas e solo fértil. Segundo a Secretaria de Agricultura de Cândido Mota, cerca de 75% da área territorial do município é destinada às lavouras, as quais, costumeiramente, produzem bem, garantindo a sobrevivência, direta ou indireta, de todas as famílias que vivem por aqui. Dessa forma, é evidente que a agricultura é responsável pelo desenvolvimento do município; entretanto, a notícia da liberação de novos agrotóxicos tem preocupado a população que teme pelo meio ambiente e pela saúde dos munícipes.

Primeiramente, é importante contextualizar de onde surge a preocupação dos cândido-motenses. Em pouco mais de seis meses, o Governo Federal anunciou a liberação de 239 novos agrotóxicos, sendo que alguns deles já foram proibidos há quinze anos pela

União Europeia devido à alta toxicidade. Assim sendo, tal medida é totalmente desnecessária, uma vez que o Brasil é referência mundial em produção agrícola em grande escala com os agrotóxicos já utilizados. Devemos levar em consideração também os danos à saúde que tais produtos causam, sobretudo quando aplicados indevidamente, o que é muito comum em Cândido Mota, pela falta de orientação e fiscalização.

Ademais, segundo o Greenpeace, os novos produtos contêm glifosato, substância potencialmente cancerígena de acordo com a Agência Internacional de Pesquisa em Câncer (IARC, na sigla em inglês). Essa informação, sem dúvida, tira o sono da população da minha cidade, afinal, teremos mais produtos altamente tóxicos disponíveis no mercado que poderão ser utilizados pelos agricultores; e poderão contribuir para o aumento de doenças, sobretudo o câncer, que vitima muitas pessoas em Cândido Mota.

Por outro lado, devo reconhecer que a liberação dos novos agrotóxicos trará grandes benefícios aos agricultores, uma

vez que os agroquímicos contribuem para o aumento da produção, potencializando a economia e promovendo o desenvolvimento da cidade. Ainda reconheço que a liberação proporcionará maior concorrência no mercado, oportunizando melhores preços, assim sendo, diminuindo os custos de produção e, conseqüentemente, aumentando o lucro dos agricultores.

Mesmo diante das vantagens elencadas acima, sou totalmente contra a liberação de mais agrotóxicos, pois tenho a certeza que trarão prejuízos irreparáveis ao meio ambiente, como a contaminação do solo, do lençol freático, entre outros; e também à saúde dos seres humanos, os quais podem sofrer com intoxicações ou até mesmo com doenças mais graves, como o câncer.

Minha opinião poderia ser outra se eu tivesse a garantia de que os agricultores fossem utilizar os novos agroquímicos de forma adequada ou que ao menos o Governo fosse garantir a qualidade dos alimentos que chegam à mesa do consumidor; contudo, nada disso é certo. Aos agricultores faltam informações técnicas e ao Governo mais seriedade. É inadmissível a negligência do Estado, que não fiscaliza periodicamente as taxas de agrotóxicos presentes nos alimentos que chegam

até o mercado, fazendo com que muitos consumidores adquiram produtos com alta toxicidade. A própria Agência Nacional de Vigilância Sanitária, através do seu ex-diretor, Luiz Claudio Meireles, afirma que o último relatório sobre riscos de contaminação dos alimentos foi publicado apenas em 2016. Dessa forma, não posso concordar com essa cilada que beneficia alguns e prejudica muitos.

Portanto, antes de liberar novos agrotóxicos é necessário que o Poder Público cumpra com o seu papel de garantir e zelar pelo meio ambiente e pela saúde de sua população, proibindo agrotóxicos com alta toxicidade e fiscalizando a aplicação dos existentes. Ainda, cabe ao Governo investir em pesquisas e alternativas sustentáveis para o controle de pragas na agricultura, tal como áreas de refúgio, que quando utilizadas podem diminuir a aplicação de agrotóxicos. Assim, minha querida Cândido Mota continuará se desenvolvendo sem precisar destruir o meio ambiente e vitimar sua população.

Professor Alexandre Marroni

ETEC Prof. Luiz Pires Barbosa,

Cândido Mota-SP